

GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Marta, *Plutarco: La excelencia de las mujeres*. Nota previa, traducción y notas de Marta González González, Madrid, Mármara Ediciones, 2019, 82 pp. ISBN: 978-84-120080-3-6.

Com a chancela de Mármara Ediciones, Marta González González (doravante M. González), autora de vários estudos sobre a obra de Plutarco, publica a tradução do tratado *Mulierum virtutes*. Elogiamos, desde logo, a opção de traduzir o título por *La excelencia de las mujeres*. De facto, o título original do tratado seria Περὶ ἀρετῆς γυναικῶν e não aquele que o Catálogo de Planudes regista (Γυναικῶν ἀρεταί, em latim *Mulierum virtutes*), pelo que o singular (*arete*) é correcto, assim como ‘excelencia’ traduz bem a amplitude de sentidos do vocábulo grego. Poderia M. González catalogar as principais virtudes (por exemplo, a *andreia*, a *phronesis* ou a *dikaio syne*) das mulheres que são descritas por Plutarco, como forma de reforçar a sua opção por ‘excelencia’.

Pela Introdução, percebemos que um dos objetivos é realçar o facto de Plutarco não atribuir à *arete* uma categoria própria do género masculino, mas do ser humano (homem e mulher). Assim, como se percebe pelo prólogo do tratado, diferentes naturezas (*physeis*) geram também diferentes virtudes e, naturalmente, outros costumes e práticas. Por via dessa constatação, opta Plutarco por seguir um método comparativo, de forma a que se percebam melhor as diferenças e semelhanças entre as *aretai* das mulheres. Ao abordar esta temática, como realça M. González, Plutarco contribui para perpetuar a memória de várias mulheres, sem que isso signifique que seja um autor feminista, até porque o ‘feminismo’ tem, atualmente, algumas conotações que não encontram correspondente no Mundo Antigo. Acresce que não devemos cometer o exagero de classificar a generalidade dos autores gregos de misóginos. Para M. González, essa classificação resulta da leitura e interpretação de sucessivas gerações, com olhares muito parciais, e que foram impondo uma forma de ler os textos. Parece, por isso, que esta edição quer convocar novos leitores e contribuir para a abertura de novos caminhos hermenêuticos. Poderia, nesse sentido, ter aduzido alguns exemplos do tratado que merecem uma revisão interpretativa, além do advérbio *stratitikos* (“como suelen hacer los soldados”, pp. 17-18), aplicado numa situação em que uma mulher, de nome Quiomara, é capturada e desonrada. Deixamos um exemplo: em 246A, traduz-se *panton anthropon* por ‘de todos los hombres’, mas não seria mais correto por ‘de todos los seres humanos’? Na verdade, Plutarco parece, neste tratado, ser muito preciso no uso de *aner* e *anthropos*.

Como é explicado na parte introdutória, este tratado merece uma abordagem própria dos Estudos de Género, por causa da diversidade de figuras femininas, protagonistas de histórias que salientam diferentes virtudes, embora sem uma organização que se possa considerar coerente e estruturada, talvez pelo facto de o tratado não ter sido revisto ou concluído, recolhendo um conjunto de *hypomnemata*. Por comparação com outros tratados ou mesmo com as biografias de Plutarco, as virtudes evidenciadas pelas mulheres são as mesmas que podemos encontrar em ações heroicas de homens. Por isso, narram-se de forma breve as ações de mulheres, individuais (por exemplo, Policrite) ou coletivas (por exemplo, as mulheres de Mileto), não apenas em tom encomiástico, mas também integram este catálogo feminino alguns retratos mais negativos. Realce-se, ainda, a decisiva intervenção política de muitas das mulheres descritas, como é o caso das tiranicidas (por exemplo, Aretáfila e Xenócrita).

De forma a enfatizar o texto plutarquiano e, por consequência, a descrição das mulheres, a tradutora tomou a opção de limitar as anotações ao essencial, remetendo o leitor para outras edições (Loeb, Les Belles-Lettres ou Gredos) no caso de querer encontrar mais anotações filológicas. Parece-nos uma opção bem justificada, mas poderia ter juntado uma breve nota explicativa sobre alguns topónimos ou mesmo nomes próprios, como Ártemis, Ciro, Amazonas, Aníbal, Dioniso, Tarquínio, Rómulo, entre outros. São certamente figuras bem conhecidas para quem está familiarizado com a Antiguidade Clássica, mas para um público mais abrangente uma nota descritiva pode auxiliar a leitura e o entendimento do texto, sobretudo quando se pretende, como é o caso, atingir esse público.

Quanto à tradução, consideramos que, de uma forma geral, estamos na presença de um trabalho rigoroso, fiel ao sentido do texto e que permite uma leitura fluida aos que se sintam persuadidos por este catálogo de mulheres. Se Plutarco, com uma visão própria de quem escreve no período imperial, tem o mérito de registar, num tratado autónomo, a excelência de tão diferentes mulheres, esta nova tradução contribui para reforçar um olhar diferente sobre o papel da mulher na Antiguidade Clássica, aproximando o leitor de um texto com grande interesse cultural e social.

**JOAQUIM PINHEIRO**

pinus@uma.pt

Universidade da Madeira/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-5425-9865>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_77\\_12](https://doi.org/10.14195/2183-1718_77_12)